

■ OS 8,95 METROS DO NORTE-AMERICANO MIKE POWELL

Há um recorde do Mundo que dura há 28 anos

O cubano Juan Miguel Echevarría, de 20 anos, beneficiou do vento para ficar a três centímetros da histórica marca de Mike Powell. O recordista português Carlos Calado e o seu antigo treinador Miguel Lucas acreditam que pode estar aqui um fora de série e apontam razões para a longevidade do recorde no salto em comprimento

Carlos Nogueira |*

Os **recordes** existem para ser batidos. Uma máxima muitas vezes usada no desporto, mas que, no atletismo, caiu em desuso. E um dos grandes exemplos é a melhor marca de sempre no salto em comprimento que dura desde 1991. O norte-americano Mike Powell foi o autor da proeza, ao voar na extensão de 8,95 metros, em Tóquio, deitando abaixo a marca do mítico Bob Beamon (8,90 m), alcançada 23 anos antes e que nos dias de hoje ainda é o segundo melhor registo da história desta disciplina.

Agora, 28 anos depois da proeza de Powell, um raio de luz surgiu na história do salto em comprimento. O cubano Juan Miguel Echevarría conseguiu atingir os 8,92 metros, há duas semanas, numa prova em Havana, marca supersónica que, no entanto, não foi contabilizada como a segunda melhor de sempre, por ter sido obtida com o vento a favor (3,3 metros por segundo).

“Foi um salto muito facilitado pelo vento, quer no salto em si, quer na chamada, mas é uma referência que é preciso ter em conta”, disse ao DN Carlos Calado, medalha de bronze nos Mundiais de 2001, em Edmonton, e recordista português com 8,36 metros.

Echevarría, cubano com raízes bascas, tem apenas 20 anos e entrou para a história do salto em comprimento há um ano, em Birmingham (Inglaterra), quando conquistou a medalha de ouro nos Mundiais de pista coberta. Três meses depois, atingia os 8,68 metros ao ar livre, no meeting de Bad Langensalza, na Alemanha, naquela que foi a terceira melhor marca registada neste século com o vento regulamentar.

“Neste momento, Eche-

varría é, pelo que já mostrou, o atleta que talvez nos dê mais garantias de que pode chegar ao recorde do mundo”, assume Miguel Lucas, treinador de saltos que orientou Carlos Calado, o melhor português de sempre nesta disciplina.

“É um atleta com grandes índices de velocidade e muito bom em termos técnicos. Fez 8,92 metros, não regulamentares, mas, por ter sido numa prova em Cuba, deixa algumas reservas. Se fizer esta marca nos Estados Unidos ou na Europa, irá torná-lo um grande candidato a bater o recorde de Mike Powell”, reforçou Miguel Lucas.

Carlos Calado mostra-se, por seu lado, esperançado em que Echevarría possa tornar-se “uma espécie de catalisador dos outros atletas”, pois considera que “sempre que, alguém se destaca, os outros estão obrigados a ir atrás para o tentar superar”.

“Foras de série” ou doping? Mas, afinal, por que razão o recorde do mundo do salto em comprimento resiste há 28 anos? Carlos Calado está convencido de que a explicação está na “crise de talentos”, defendendo que “não há muita consistência” nos resultados dos atletas nesta disciplina.

“No meu tempo, há cerca de 20 anos, para se chegar a uma final era preciso saltar 8,15 metros, mas actualmente isso não é necessário e, como tal, perdeu-se essa competitividade”, frisa o recordista português, de 43 anos, lamentando que “tenham aparecido poucos atletas fora de série”.

Miguel Lucas faz um diagnóstico diferente. “Mike Powell bateu o recorde do mundo em Tóquio, foi numa

pista muito rápida... Entretanto, subemos que durante alguns anos foram detectados atletas com doping...”. Lembra que, actualmente, os controlos do uso de substâncias proibidas “estão cada vez mais apertados”.

“Não podemos dizer que esses resultados foram obtidos ilegalmente... houve dois foras de série nesta disciplina, Mike Powell e Carl Lewis. Talvez depois deles tenha faltado atletas de grande nível”, acrescenta.

Com algumas cautelas em relação a um tema muito sensível como é o doping, o treinador diz que “obviamente não houve um decréscimo do conhe-

cimento do treino e, neste espaço temporal, não se pode dizer que o corpo humano ficou mais fraco”. E a realidade mostra que neste século apenas o americano Dwight Phillips (2009) e o panamenho Irving Saladino (2008) superaram a barreira dos 8,70 metros, numa altura em que o passaporte biológico dos atletas ainda estava numa fase embrionária, uma vez que só foi adoptado pela Agência Mundial Anti-doping (WADA) em 2009 e implementado pela Federação

Internacional de Atletismo (IAAF) em 2011.

“O que se passa é que, nesta altura, não há tecnologia ou metodologia capazes de fugir aos controlos. Veja-se o exemplo da interdição dos atletas da Rússia. A questão é que, sem aquelas ajudas, passou a ser necessário diminuir a intensidade do treino, pois o corpo não é capaz de se regenerar tão rapidamente quanto o desejável”, acrescenta Miguel Lucas, fazendo no entanto uma ressalva: “isto são apenas suposições. Mas certo é que, em termos estatísticos, há mais de 20 anos que não há novos recordes em várias disciplinas do atletismo. Nem têm aparecido resultados que se aproximam e até já se ganharam Jogos Olímpicos com marcas de 8,30 metros no comprimento.”

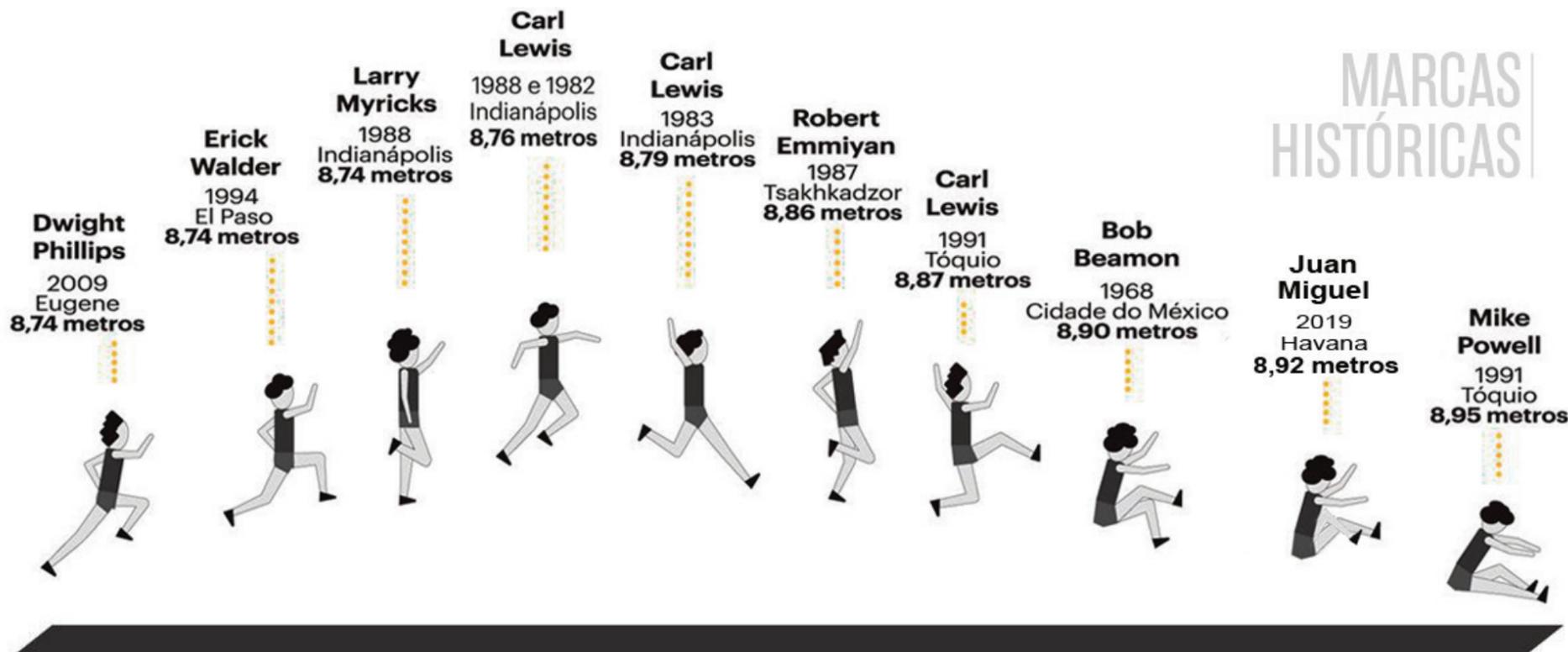
2019
JUAN MIGUEL
CUBANO

1991
MIKE POWELL
NORTE AMERICANO

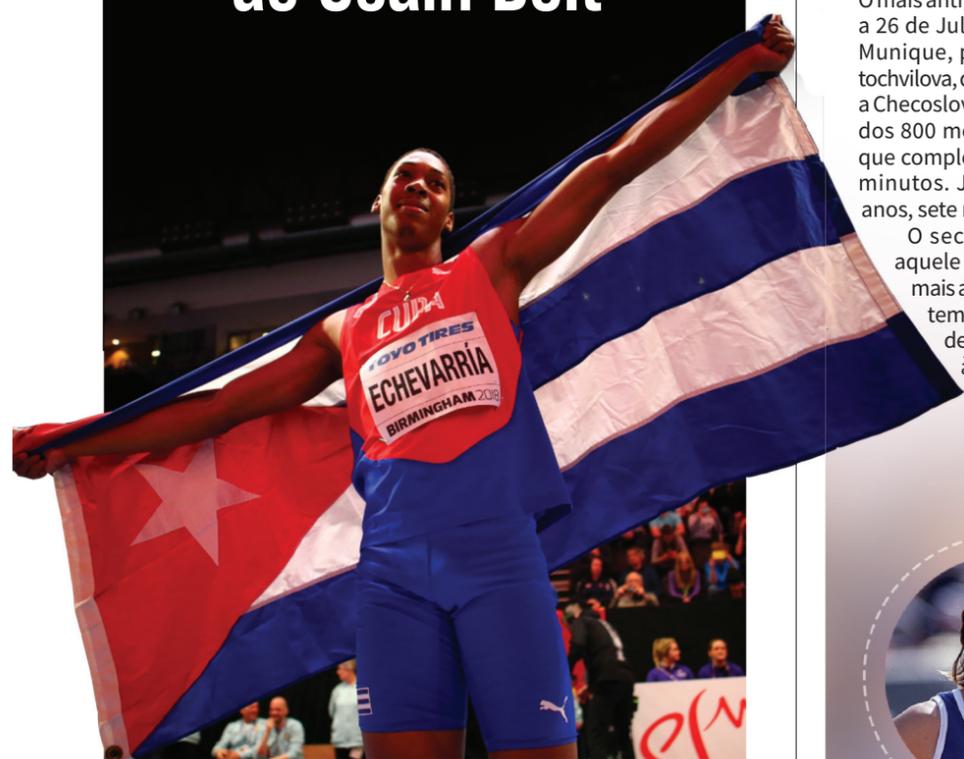
SALTO DE
8,95
METROS

SALTO DE
8,92
METROS





O exemplo de Usain Bolt



Carlos Calado recusa liminarmente o doping como explicação para que os recordes resistam tantos anos. “Não acredito que o maior controlo no combate ao doping seja a explicação para que o recorde de Mike Powell prevaleça”, assume, dando de imediato um exemplo:

“O Ben Johnson foi apanhado e depois disso apareceu o Usain Bolt e dominou a velocidade. “O doping é uma nuvem negra que existe no atletismo”, admite Calado, que defende ser preciso “acreditar no treino”.

“Nas disciplinas técnicas, essa nuvem não existe tanto como na velocidade ou nos lançamentos”, assume. Lembra que ao longo dos tempos “a medicina evoluiu, as pessoas são mais profissionais e os métodos de treinos são melhores”. E recorre a outro exemplo: “No triplo salto, o Nelson Évora, depois das lesões que teve, encontrou um tipo de treino e uma forma de saltar que não são tão desgastantes e mantém-se a alto nível.”

Miguel Lucas continua no entanto a acreditar que “é possível chegar aos recordes de forma natural. O problema é que se inverteu o ciclo, primeiro, chegou-se lá pela via mais fácil, com o suporte do doping; agora, procura-se explorar melhor o treino, a suplementação, a monitorização do sono, as cargas físicas, entre outros aspectos tecnológicos.”

Contudo, admite que superar o recorde de Mike Powell não será tarefa fácil, mesmo para Juan Miguel Echevarría:

“Considero que será mais fácil lá chegar no triplo salto do que no comprimento”. Carlos Calado considera que, para o cubano conseguir bater a melhor marca de sempre, “precisa de que o salto saia na perfeição e tenha todos os factores a seu favor”. Acrescenta que nos dias de hoje tudo é calculado ao pormenor:

“O treino passou a ser matemático: velocidade versus ângulo de saída para o salto”. Na prática, será o trabalho diário que dirá até onde Echevarría poderá chegar.

Marcas femininas mais resistentes ao tempo

São 26 recordes do mundo no atletismo que duram há mais de 20 anos, 13 no sector masculino e outros tantos nas competições femininas. O mais antigo foi alcançado a 26 de Julho de 1983, em Munique, por Jamila Kratochvilova, que representava a Checoslováquia, na prova dos 800 metros, distância que completou em 1.53,28 minutos. Já passaram 35 anos, sete meses e 25 dias.

O sector feminino é aquele que tem marcas mais antigas, pois existem mais oito recordes que remontam à década de 1980: União Soviética, na estafeta 4x800 m, em

O mais antigo foi alcançado a 26 de Julho de 1983, em Munique, por Jamila Kratochvilova, que representava a Checoslováquia, na prova dos 800 metros, distância que completou em 1.53,28 minutos. Já passaram 35 anos, sete meses e 25 dias

1984; Marita Koch (RDA), nos 400 m, em 1985; Natalia Lisovskaya (URSS), no lançamento do peso, em 1987; Stefka Kostadinova (Bulgária), no salto em altura, em 1987; Galina Chistyakova (URSS), no salto em comprimento, em 1988; Gabriele Reinsch (RDA), no lançamento do disco, em 1988; e Florence Griffith-Joyner (EUA), nos

100 m e nos 200 m, em 1988. Entre os homens, o recorde de Mike Powell no salto em comprimento é o quinto mais antigo. Mas o que resiste há mais tempo pertence ao norte-americano Johnny Gray, na prova de 600 m, que, em 24 de Maio de 1986, completou a distância em 1.12,81 minutos, em Santa Mónica, nos Estados Unidos. Curioso é

que a segunda melhor marca de sempre nesta distância foi alcançada há quase três anos, pelo queniano David Rudisha, tendo gasto mais de um minuto. Os outros três recordes mais antigos do que o de Powell no salto em comprimento são dos lançamentos. O do disco dura desde 6 de Junho de 1986 e está na posse de Jürgen Schult, da antiga RDA, com 74,08 metros. No martelo, o arremesso de Yuri Dedykh, em representação da União Soviética, dura desde Agosto de 1986, enquanto o americano Randy Barnes mantém-se como detentor da melhor marca de sempre no peso, alcançada em Maio de 1990.

“Diário de Notícias”